



ADIVINHAÇÃO NA ROMA ANTIGA:

UMA LEITURA DO *LIVRO DOS PRODÍGIOS* DE JÚLIO OBSEQUENTE

Sara Camila Barbosa dos Anjos (UFMG)¹

Resumo: A prática adivinatória cumpre um papel social e religioso importante na Roma antiga. Dentro dessa ampla prática, há a diferenciação feita por Cícero, em *De Divinatione* ["Sobre a adivinção" I, 6, 11-12], em duas espécies: as artificiais, que requerem conhecer a fundo uma técnica, como a aruspicina; e as naturais, que dependem apenas das disposições dos intérpretes, como sonhos. Encontramos exemplos de ambas em *Liber prodigiorum* [*Livro dos prodígios*], de Iulius Obsequens – século IV d.C. –, e alguns trechos dessa obra pouco conhecida serão comentados a fim de ilustrar tal sistema adivinatório. Um prodígio é um evento extraordinário e para os romanos prenunciava um desequilíbrio entre o divino e o humano. Uma das técnicas de leitura dos prodígios era a aruspicina, de origem etrusca, que, cruzando fronteiras geográficas, religiosas e linguísticas, cresceu em Roma e influenciou os caminhos de sua história. A técnica consistia na análise das entranhas [*exta*], da vítima sacrificial. A influência dos responsáveis por práticas adivinatórias como a aruspicina se fazia notar na tomada das decisões de diversos grupos em vários âmbitos da vida romana, informando-nos sobre o funcionamento dessa sociedade.

Palavras-chave: Religião Romana. Adivinção. Prodígio. Aruspicina.

Abstract: Divinatory practice played an important social and religious role in ancient Rome. Within this broad practice, there is the differentiation made by Cicero, in *De Divinatione* ["On Divination" I, 6, 11-12], into two species: artificial, which require a deep knowledge of a technique, such as *haruspicina*, and natural ones, which depend only on the dispositions of the interpreters, such as dreams. There are examples of both in *Liber prodigiorum* [*Book of Prodigies*], by Iulius Obsequens – IV A.D. –, and some excerpts from this little-known work will be commented to illustrate such a divinatory system. A prodigy is an extraordinary event and for the Romans it heralded an imbalance between the divine and the human. One of the techniques for reading the prodigies was the *haruspicina*, of Etruscan origin, which, crossing geographical, religious, and linguistic borders, grew up in Rome and influenced the paths of its history. The technique consisted of analysing the *exta* [entrails] of the sacrificial victim. The influence of those responsible for divinatory practices such as *haruspicina* was noticeable in the decision-making of different groups in various areas of Roman life, informing us about the functioning of this society.

Keywords: Roman Religion. Divination. Prodigy. Haruspicina.

¹ Sara Anjos é graduanda em Letras Clássicas pela Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: sceanjos@gmail.com. Desenvolvi o projeto *Tradução e estudo do Liber prodigiorum, [Livro dos Prodígios] de Júlio Obsequente*, no Programa de Iniciação Científica Voluntária da PRPq. da UFMG, sob a orientação do professor Matheus Trevizam. Este artigo é uma parte desse projeto. Todas as traduções são nossas, salvo quando indicado o contrário.



1 Introdução

A adivinhação foi uma prática importante e amplamente presente nas religiões de muitos povos antigos. Ela fazia parte das práticas religiosas, políticas e sociais de regiões como Grécia, Roma, Etrúria, Mesopotâmia etc. (NOVAK, 1991, p. 148). Adivinhação é a interpretação da vontade de agentes sobrenaturais a partir de prodígios observados no mundo físico. A interpretação era realizada por sujeitos específicos da sociedade, como o adivinho, que selecionava, comparava e interpretava diversos elementos, constituintes de um repertório interpretável, segundo o contexto (FRADE, 2018, p. 4). Esses elementos não provinham da ação humana, mas eram dados da natureza. Para os seres humanos, com o passar do tempo, os sinais se tornam uma forma de linguagem, não são apenas dicas a serem seguidas, mas alusões a serem entendidas e comandos a serem executados (BURKERT, 2005, p. 33).

Os prodígios eram eventos incomuns que indicavam a interrupção da *pax deorum*, a “paz” com os deuses. Assim, um prodígio – os romanos também usavam os termos *portentum* ou *ostentum* – era sempre um mau sinal, que comunicava um desequilíbrio das relações dos seres humanos com os deuses e deusas (ROSA, 2003, p. 27). Os prodígios não aconteciam em um dia especial do ano, não apontavam para um indivíduo, mas para a *res publica*, não previam o futuro e eram expiados pelos oficiais romanos geralmente no início do ano novo (ROSENBERGER, 2007, p. 293). Várias eram as manifestações desses fenômenos e, no *Livro dos prodígios*, podemos encontrar: raios atingindo edifícios ou locais importantes, nascimentos monstruosos – como crianças com duas cabeças, animais falantes etc. –, animais selvagens entrando em templos de Roma, eclipses, meteoros, cometas e chuvas de sangue, leite, carne ou pedras. Em um estudo quantitativo dos prodígios presentes na obra de Júlio Obsequente, Alberto Daniel Anunziato, em “Una nueva mirada sobre el *Liber Prodigiorum*” (2019), classificou os 389 prodígios em 24 categorias, das quais 7 agrupam 73% da obra, o que indica a elevada codificação desses eventos (ANUNZIATO, 2018, p. 27–28).²

² As categorias propostas por Anunziato (2018) são as seguintes: “De um total de 389, há 21 eventos que não se repetem e 368 que se repetem. Nós os classificamos nas seguintes categorias: comportamento anômalo de animais: 64, relâmpagos em lugares incomuns: 50, chuvas anormais: 48, fenômenos no céu: 43, monstros: 40, histórias sobre estátuas: 24, incidentes de sacrifício: 15, terremotos: 13, tempestades: 11, acidentes sem causa aparente: 9, sumidouros: 6, advertências estranhas: 6, incêndios: 6, eclipses: 4, epidemias: 4, chamas que não queimam: 4, visões: 4, erros de procedimento dos magistrados: 4, portas que se abrem sozinhas: 3, inundações: 2, cereais nas



Os prodígios nos ajudam a compreender melhor o funcionamento da religião e da política romanas. De acordo com Claudia Beltrão da Rosa:

Os prodígios estavam envolvidos, de um modo ou de outro, com quase todos os grupos que tinham influência na tomada das decisões estatais – os colégios sacerdotais, o Senado, os magistrados, mesmo ocasionalmente o povo romano. Os prodígios nos dão ótimas informações sobre como estes grupos cooperavam e o papel que tinham nas decisões estatais. (ROSA, 2003, p. 27)

Temos poucas fontes de prodígios romanos. Tito Lívio (59 a.C. a 17 d.C.) menciona prodígios e a sua expiação na obra historiográfica *Ab Vrbe condita libri* (“Livros desde a fundação da Cidade”). Júlio Obsequente, um autor provavelmente do século IV d.C., compilou uma lista de prodígios baseada justamente em Tito Lívio e essa relação entre as obras é reconhecida pelos estudiosos (MASTANDREA, 2005, p. VII). Além disso, Cícero lida com prodígios em suas obras *Sobre a adivinhação (De diuinatione)*, *Sobre a natureza dos deuses (De natura deorum)* e *Sobre as leis (De legibus)* (NOVAK, 1991, p. 147; ROSENBERGER, 2007, pp. 293–294).

2 Diferença entre a adivinhação “natural” e “artificial” por Cícero

Dentro da ampla prática adivinhatória, há a diferenciação feita por Cícero, em *De diuinatione* [“Sobre a adivinhação” I, 6, 11-12], em duas espécies: as artificiais, que requerem conhecer a fundo uma técnica, como a aruspicina; e as naturais, que dependem apenas das disposições dos intérpretes e da inspiração divina, como sonhos. Essa obra consiste em um diálogo entre a personagem identificada como Cícero e seu irmão Quinto sobre a validade ou não das práticas adivinhatórias correntes na Roma republicana (TREVIZAM, 2008, p. 76).

árvores: 2, sonhos: 2, objetos caídos do céu: 2 e escudos ensanguentados: 2. Basta ler as quantidades por categoria para perceber que existem 7 categorias que agrupam 73% dos casos, o que indica a alta codificação dos eventos considerados prodígios.” (ANUNZIATO, 2018, p. 27-28) No original: *De un total de 389, hay 21 eventos que no se repiten y 368 que sí. A estos los clasificamos en las siguientes categorías: comportamientos anómalos de animales: 64, caída de rayos en lugares inusuales: 50, lluvias anómalas: 48, fenómenos en el cielo: 43, monstruos: 40, historias sobre estatuas: 24, incidentes en sacrificios: 15, terremotos: 13, tormentas: 11, estrépitos sin causa aparente: 9, socavones: 6, admoniciones extrañas: 6, incendios: 6, eclipses: 4, epidemias: 4, fuegos que no queman: 4, visiones: 4, errores ‘de procedimiento’ de los magistrados: 4, puertas que se abren solas: 3, inundaciones: 2, cereales en los árboles: 2, sueños: 2, objetos caídos del cielo: 2 y escudos ensangrentados: 2. Basta la mera lectura de las cantidades por categoría para percatarse de que hay 7 categorías que agrupan el 73 % de los casos, lo que indica la alta codificación de los eventos considerados como prodígios.*



Nesse contexto, ele utiliza a palavra *diuinatione* para dar conta do conjunto de rituais, romanos e estrangeiros, afirmando a existência de um vínculo entre esse termo e a esfera divina (CAIRO, 2019, p. 35). Tal diferenciação ocorre assim:

Respondi: “Eu realmente sempre estou livre para a filosofia, Quinto; mas neste momento, não havendo outra coisa que eu possa fazer com prazer, desejo ainda mais ouvir o que pensas sobre a adivinhação”. E ele: “Com certeza eu mesmo não penso nada de novo nem algo além dos demais; pois sigo não apenas uma sabedoria que é antiquíssima, mas principalmente que é comprovada pelo consenso de todos os povos e nações. De fato, há dois tipos de adivinhação, dos quais um é artificial, o outro é natural. Ora, qual é o povo, qual é a nação que não é movida pela predição dos harúspices ou dos que interpretam prodígios ou raios, dos áugures, dos astrólogos, das sortes (estas são inteiramente artificiais) ou dos sonhos e vaticínios (acredita-se que essas duas são naturais)? Na verdade, julgo ser mais necessário investigar os acontecimentos de tais coisas do que suas causas. Há, de fato, uma força natural que denuncia o futuro, quer tendo-se observado por um longo tempo a interpretação dos sinais, quer por uma espécie de inspiração e sopro divino.” (CICERO, *De diuinatione*, I,6, 11-12, trad. Beatris Ribeiro Gratti).

Pouco depois, o autor esclarece ainda o seguinte:

“Portanto, concordo com os que disseram que há dois tipos de adivinhação, um que possui uma arte e outro que carece de arte. Pois há uma arte nos homens que pela conjectura investigam coisas novas e aprenderam as antigas pela observação. Mas carecem de arte os que pressentem os acontecimentos futuros não pela razão ou por conjectura após se observar e anotar os sinais, mas por uma certa excitação forte da alma ou por um movimento livre e desimpedido, o que acontece frequentemente aos que sonham e às vezes aos que vaticinam pelo furor, como Bácsis da Beócia, Epimênides de Creta e a Sibila da Eritreia. De tal tipo devem ser considerados os oráculos, não estes que são tomados por sortes igualadas, mas aqueles que são proferidos por inspiração e sopro divino (...)” (CICERO, *De diuinatione*, I, 34, trad. Beatris Ribeiro Gratti).

3 Exemplos no Livro dos Prodígios

Ao longo do *Livro dos Prodígios*, encontramos diversas manifestações desses fenômenos, de ambos os tipos: os naturais, como os sonhos, e os artificiais, como a aruspicina. Temos duas ocorrências de sonho, que é um tipo de fenômeno natural. O verbo utilizado em latim é *somniō*. Ambos são relatados por mulheres, Cecília Metela e Calpúrnia, esposa de César. No contexto romano, o sonho depende da inspiração divina e é transmitido intuitivamente (ROSENBERGER, 2007, p. 292).



No consulado de C. César e M. Antônio [710 d. f. R.³ / 44 a.C.]

67. Entranhas sem coração foram encontradas no sacrifício para o ditador César. Sua esposa Calpúrnia sonhou que o frontão da sua casa, erguido por decreto do Senado, tinha desabado. À noite, como as portas do quarto tivessem sido fechadas, abriram-se sozinhas, de modo que Calpúrnia foi acordada pelo brilho da lua que entrava. O próprio César foi perfurado com vinte e três feridas⁴ pelos conspiradores, na cúria de Pompeu (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 67).⁵

O sonho de Calpúrnia informa a destruição do frontão de sua casa. No exame das entranhas (*exta*) no sacrifício, não foi encontrado o coração, significando um mau agouro para César, pois o sacrifício era dedicado a ele. Na sequência, ocorre sua morte. Ainda nessa passagem há um outro tipo de prodígio: a abertura espontânea de portas (que ocorre mais uma vez em 13).

Outro exemplo de adivinhação natural, ainda que contenha também manifestações do tipo artificial, é o do sonho de Metela:

No consulado de L. Júlio César e P. Rútílio [664 d. f. R. / 90 a.C.]

55. Dizia Cecília Metela ter sonhado com Juno Salvadora a fugir porque seus templos estavam torpemente corrompidos, e que a deusa a custo fora trazida de volta por suas preces. Metela purificou o templo, que se conspurcara pelas vis obscenidades dos corpos das matronas; nele havia, sob a imagem da deusa, até um covil e a cria de uma cadela. Fazendo súplicas, restituiu-o ao antigo esplendor. Os romanos foram seviciados barbaramente pelos de Piceno. E massacres ocorreram em todo o Lácio. Rútílio Lupo, tendo desprezado os ritos religiosos e tendo falhado em encontrar a cabeça do fígado nas entranhas, perdeu seu exército e foi morto em batalha. (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 55)⁶

³ d. f. R.: essa sigla significa “desde a fundação de Roma” e traduz A.V.C. (= *ab Vrbe condita*) do original.

⁴ *Vinte e três feridas*: em 15 de março de 44 a.C., um grupo de conspiradores republicanos, receoso dos poderes excessivos que César obtivera após a derrota de Pompeu em Farsália (48 a.C.), assassinou-o a golpes de punhal (GIORDANI, 1968, p. 59); César contava cinquenta e cinco anos ao morrer.

⁵ No original: *C. Caesare M. Antonio coss. [A.V.C. 710 / 44 B.C.] 67. Caesari dictatori exta sine corde inuenta. Calpurnia uxor somniauit fastigium domus, quod S.C. erat adiectum, ruisse. Nocte cum ualuae cubiculi clausae essent, sua sponte apertae sunt, ita ut lunae fulgore, qui intro uenerat, Calpurnia excitaretur. Ipse Caesar uiginti tribus uulneribus in curia Pompeiana a coniuratis confossus.*

⁶ No original: *L. Iulio Caesare P. Rutilio coss. [A.V.C. 664 / 90 B.C.] 55. Metella Caecilia somnio Iunonem Sospitam profugientem, quod immunde sua templa foedarentur, cum suis precibus aegre reuocatam diceret, aedem matronarum sordidis obscenisque corporis coinquinatam ministeriis, in qua etiam sub simulacro deae cubile canis cum fetu erat, commundatam supplicationibus habitis pristino splendore restituit. A Picentibus Romani barbaro more excruciati. Vbique in Latio clades accepta. Rutilius Lupus spretis religionibus cum in extis caput non inuenisset iocineris, amisso exercitu in proelio occisus..*



Cecília Metela, ao sonhar com Juno Salvadora fugindo, purificou o templo por meio de súplicas. Nesse trecho também estão presentes prodígios artificiais: o erro de procedimento pelos magistrados, ou seja, não encontrar a cabeça do fígado (que ocorre mais quatro vezes: 17, 35, 47, 52). Na religião romana, os “arúspices” eram sacerdotes treinados na arte da aruspicina, ou exame das entranhas (*exta*) da vítima sacrificial. A atenção dos arúspices era voltada, sobretudo, a notar a morfologia dos lóbulos do fígado para, em seguida, fazer previsões (BORNECQUE; MORNET, 2002, p. 72). Após a observação, o arúspice declarava qual expiação era devida às divindades ofendidas e realizava uma cerimônia de lustração do local. As etapas constituintes do procedimento eram as seguintes:

Com as gargantas cortadas, os animais eram virados de costas e abertos. Com a ajuda de seus assistentes, especialmente o *arúspex*, o sacrificador confirmava que a oferenda havia sido aceita pela divindade. A aprovação do deus (*litatio*) era indicada pelo aspecto normal dos *exta*, que, no final do período republicano, eram constituídos por cinco órgãos internos: o fígado, os pulmões, a vesícula biliar, o peritônio e o coração. Se o sacrifício fosse aprovado, os ritos continuavam. Se os *exta* contivessem alguma anormalidade, o sacrifício era anulado e os ritos tinham que recomeçar com outras vítimas (*instaurare*), e possivelmente repetidos até obter a aprovação (*usque ad litationem*). Em certos tipos de sacrifício, os *exta* eram inspecionados, seguindo a prática etrusca, a fim de fazer previsões do futuro (*haruspicio*) (SCHEID, 2007, p. 266).⁷

Em relação às formas de adivinhação artificial, temos em maior quantidade prodígios que se enquadram em: comportamento anômalo de animais, raios atingindo locais, chuvas anômalas e fenômenos celestes. Encontramos esses tipos desde o primeiro parágrafo da obra de Júlio Obsequente:

No consulado de L. Cipião e C. Lélio [564 d. f. R. / 190 a.C.]

1. O templo de Juno Lucina foi atingido por um raio, de modo que o frontão e as portas ficassem danificados. Nos arredores, muitos edifícios foram atingidos por raios do céu. Em Núrsia, com tempo claro, uma tempestade surgiu e duas pessoas foram mortas. Em Túsculo, choveu terra. Em Reate, uma mula pariu. Súplicas aos deuses foram feitas por dez meninos com os pais

⁷ No original: *With their throats cut, the animals were turned onto their backs and opened up. With the help of his assistants, especially the haruspex, the sacrificer confirmed that the offering had been accepted by the divinity. The god's approval (litatio) was signified by the normal appearance of the exta, which, at the end of the republican period, were seen as comprised of five internal organs: the liver, the lungs, the gall-bladder, the peritoneum, and the heart. If the sacrifice was approved, the rites continued. If the exta contained any abnormalities, the sacrifice was annulled and the rites had to start over again with other victims (instaurare), and possibly repeated until approval was obtained (usque ad litationem). In certain types of sacrifice, the exta were inspected, following the Etruscan practice, in order to make predictions of the future (haruspicio).*



e mães vivos, e pela mesma quantidade de virgens (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 1).⁸

Em resposta a tais manifestações prodigiosas (raios, tempestade súbita, chuva de terra e nascimento impossível, já que mulas não dão à luz), formas específicas de súplica (*supplicatio, -is*) eram providenciadas. Essa era uma prática ritual antiga, durante a qual os cidadãos romanos, coroados e carregando ramos de louro, faziam com a esposa e os filhos a volta pelos locais de culto, para suplicar aos deuses: prostrando-se diante deles para implorar, em caso de perigo, ou para agradecer, em caso de vitória (SCHEID, 2017, p. 123).

Em relação aos auspícios, que era a observação dos sinais dados pelos pássaros (*auspicium de auis spicium*) realizada pelos magistrados, havia dois tipos: auspícios (sinais) reivindicados aos deuses (*auguria impetratiua*) e augúrios não solicitados (*auguria oblatiua*) que se declaram por si próprios, ou seja, pela vontade dos deuses (SCHEID, 2017, p. 128). Os auspícios eram tirados a partir da mera observação do voo das aves em espaço sagrado, mas, a partir do séc. III a.C., passou a prevalecer em Roma o emprego dos *sacri pulli* (frangos sagrados), criados especialmente para este fim. Assim, soltos de suas gaiolas, o comportamento desses animais era observado e, se comiam o alimento oferecido, os prognósticos a respeito da questão sob consulta eram positivos; contudo, quando o rejeitavam ou fugiam, eram negativos (SCHEID, 2017, p. 130-131). Nas passagens seguintes temos exemplos de auspícios:

No consulado de M. Emílio e C. Hostílio Mancino [617 d. f. R. / 137 a.C.]
24. Quando se tomavam os auspícios em Lavínio, os frangos saíram da gaiola, voaram para a floresta Laurentina e nunca foram encontrados. Em Preneste, um meteoro flamejante foi visto no céu; mesmo o céu estando sem nuvens, trovejou. Em Terracina, o pretor M. Cláudio ardeu em chamas num navio, por causa de um raio. O lago Fucino inundou a área circundante por cinco mil passos, em todas as direções. No Grecoestádio e no Comício, fluiu sangue. No monte Esquilino, um potro nasceu com cinco patas. Muitos edifícios foram atingidos por raios. Quando embarcava o cônsul Hostílio Mancino no porto de Hércules, num navio com destino a Numância, ouviu de repente certa voz: “Fica, Mancino”. E como, tendo desembarcado, depois tivesse subido a uma nau em Gênova, uma serpente encontrada a bordo fugiu da captura. Este

⁸ No original: *L. Scipione C. Laelio coss. [A.V.C. 564 / 190 B.C.] I. Iunonis Lucinae templum fulmine ictum ita ut fastigium ualuaeque deformarentur. In finitimis pleraque de caelo icta. Nursiae sereno nimbi orti et homines duo exanimati. Tusculi terra pluit. Mula Reate peperit. Supplicatio per decem pueros patrimos matrimos totidemque uirgines habita.*



mesmo cônsul foi derrotado e, logo depois, entregue aos numantinos (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 24).⁹

Os frangos sagrados, ao sair das gaiolas, não comeram o alimento oferecido e voaram para a floresta, nunca foram encontrados, significando, assim, um prognóstico negativo. Porque quando as aves, libertas da gaiola, não comiam o alimento oferecido ou fugiam, indicava um presságio negativo (ROBERT, 2004, p. 162). Na passagem seguinte, o augúrio foi realizado pelos abutres:

No consulado de C. Pansa e A. Hircio [711 d. f. R. / 43 a.C.]

69. Como tivessem sido votados para César os poderes e o comando militar contra Antônio, entranhas duplas apareceram enquanto ele estava sacrificando. Todos os eventos subsequentes foram favoráveis a ele. A estátua equestre do cônsul C. Pansa desabou na casa de Antônio. Um cavalo com arreios, avançando diante de seus olhos, colapsou. Alguém do povo escorregou no sangue das vítimas do sacrifício e estendeu a Pansa, que saía, a palma da mão cruenta. Todos esses prodígios foram fatais para ele, que logo foi mortalmente ferido, lutando contra Antônio. Imagens de armas e de dardos pareceram erguer-se com fragor da terra ao céu. Os estandartes da legião que tinha sido deixada por Pansa como guarnição da Cidade pareceram estar cobertos de teias de aranha, como se tivessem permanecido sem uso por muito tempo. Vários lugares foram atingidos por raios. No acampamento de César, uma águia pousou ao alvorecer no topo da tenda do comandante, sobre a lona, e, perturbada pelo voo de aves menores, desapareceu de vista. No oráculo de Apolo, ouviu-se a voz: “Ira dos lobos no inverno, sem colheita de trigo no verão”. Quando os veteranos exigiram um consulado para César, houve terrível tumulto em Roma. Como César retirasse o exército ao Campo de Marte, seis abutres apareceram. Mais tarde, subindo ele à tribuna ao eleger-se cônsul, de novo seis abutres foram vistos e deram o augúrio destinado – como antigamente os auspícios de Rômulo – ao fundador de uma nova Cidade. Depois de feita a reconciliação entre César, Antônio e Lépido, começou uma terrível proscrição dos cidadãos eminentes (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 69).¹⁰

⁹ No original: *M. Aemilio C. Hostilio Mancino* *coss.* [A.V.C. 617 / 137 B.C.] 24. *Cum Lauinii auspicaretur, pulli e cauea in siluam Laurentinam euolarunt neque inuenti sunt. Praeneste fax ardens in caelo uisa, sereno intonuit. Terracinae M. Claudius praetor in naue fulmine conflagrauit. Lacus Fucinus per milia passuum quinque quoquo uersum inundauit. In Graecostasi et in comitio sanguine fluxit. Esquiliis equuleus cum quinque pedibus natus. Fulmine pleraque decussa. Hostilius Mancinus consul in portu Herculis cum conscenderet nauem petens Numantiam, uox improuiso audita “Mane, Mancine”. Cumque egressus postea nauem Genuae conscendisset, anguis in naue inuentus e manibus effugit. Ipse consul deuictus, mox Numantinis deditus.*

¹⁰ No original: *C. Pansa A. Hirtio* *coss.* [A.V.C. 711 / 43 B.C.] 69. *Caesari cum honores decreti essent et imperium aduersus Antonium, immolanti duplica exta apparuerunt. Secutae sunt eum res prosperae. C. Pansae cos. statua equestris Antonii domi corrui. Equus phaleratus in ipsius conspectu festinans concidit. Quidam e populo sanguine uictimarum prolapsus respersam cruore palmam proficiscenti dedit. Funesta haec ipsi prodigia fuerunt, qui mox aduersus Antonium dimicans in mortem uulneratus est. Armorum telorumque species a terra uisa cum fragore ad caelum ferri. Signa legionis quae relictas a Pansa ad urbis praesidium erat ueluti longo situ inductis araneis uestiri*



A aparição dupla de seis abutres resultou em augúrio positivo, ou seja, pressagiou aprovação divina a César; os abutres aparecem ainda em 10, 43a, 50, 51, 56, 70. Outros trechos significativos para a nossa exposição contêm uma pletora ainda mais diversificada de prodígios:

No consulado de M. Marcelo e C. Sulpício [588 d. f. R. / 166 a.C.]
12. Em muitos lugares da Campânia, choveu terra. No território de Preneste, chuvas cruentas caíram. No território de Veios, lâ nasceu das árvores. Em Terracina, no templo de Minerva, três mulheres, que se assentavam tendo feito sacrifícios, perderam suas vidas. Junto ao bosque sagrado de Libitina, na estátua equestre brônzea, água jorrou pela boca e pela pata do cavalo por muito tempo. Os gauleses ligúrios foram aniquilados. Como ocorressem comícios eleitorais em meio a muita corrupção e o Senado se reunisse, por isso, no monte Capitolino, um milhafre soltou uma doninha, raptada do santuário de Júpiter, no meio da assembleia dos Pais.¹¹ Na mesma época, o templo da deusa Salvação foi atingido por um raio. No monte Quirinal, sangue jorrou da terra. Em Lanúvio, um meteoro foi observado no céu durante a noite. Muitos edifícios foram arruinados por raios em Cassino e, por algumas horas da noite, o sol foi visto. Em Teano Sidicino, um menino nasceu com quatro mãos e a mesma quantidade de pés. Com a Cidade purificada, a paz reinou na pátria e além das fronteiras (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 12).¹²

No consulado de Ti. Semprônio Graco e M^o. Juvêncio [591 d. f. R. / 163 a.C.]
14. Em Cápuia, o sol foi visto à noite. No território de Estela, uma parte do rebanho de carneiros castrados foi morta por um raio. Em Terracina, trigêmeos nasceram. Em Fórmias, dois sóis foram vistos durante o dia; o céu ardeu. Em Âncio, um homem foi queimado por um raio luminoso originado de um espelho. Em Gábios, choveu leite. Muitos edifícios foram atingidos por raios no monte Palatino. Um cisne, adentrando no templo da Vitória, escapou das mãos que o capturavam. Em Priverno, uma menina nasceu sem mãos. Em Cefalênia, uma trombeta pareceu tocar no céu; choveu terra. Havendo furiosa tempestade, casas foram derrubadas e ocorreu grande destruição dos campos; caíram raios sem parar. Durante à noite, em Pésaro, brilhou uma espécie de

uisa. Fulmine pleraque icta. In castris Caesaris luce prima in culmine praetorii super linteum consedit aquila, inde circumvolantibus minoribus auibis excita de conspectu abiit. Oraculo Apollinis uox audita: lupis rabies hieme, aestate frumentum non demessum. Veteranis Caesari consulatum flagitantibus terribilis tumultus Romae fuit. Caesar cum in campum Martium exercitum deduceret, sex uultures apparuerunt. Conscendenti deinde rostra creato consuli iterum sex uultures conspecti ueluti Romuli auspiciis nouam urbem condituro signum dederunt. Reconciliatione inter Caesarem Antonium Lepidum facta foeda principum fuit proscriptio.

¹¹ *Assembleia dos Pais*: referência, aqui, à assembleia dos senadores, os quais por vezes receberam, em Roma, o título honorífico de *Patres Conscripti*, ou “Pais Recrutados” (BORNECQUE; MORNET, 2002. p. 97).

¹² No original: *M. Marcello C. Sulpicio coss. [A.V.C. 588 / 166 B.C.] 12. In Campania multis locis terra pluit. In Praenestino cruenti ceciderunt imbres. Veienti lana ex arboribus nata. Terracinae in aede Mineruae mulieres tres, quae operatae sedebant, exanimatae. Ad lucum Libitinae in statua equestri aenea ex ore et pede aqua manauit diu. Galli Ligures deleti. Comitia cum ambitiosissime fierent et ob hoc senatus in Capitolio haberetur, miluus uolans mustelam raptam de cella Iouis in medio consessu patrum misit. Sub idem tempus aedes Salutis de caelo tacta. In colle Quirinali sanguis terra manauit. Lanuuii fax in caelo nocte conspecta. Fulmine pleraque discussa Cassini et sol per aliquot horas noctis uisus. Teani Sidicini puer cum quattuor manibus et totidem pedibus natus. Vrbe lustrata pax domi forisque fuit.*



sol. Em Cere, um porco nasceu com mãos e pés humanos; e crianças nasceram com quatro pés e quatro mãos. Junto ao fórum de Jesi, um boi não sofreu dano algum de uma chama que saiu de sua própria boca (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 14).¹³

Nesses trechos, prevalecem as formas mais comuns de prodígio, ainda que apareça também uma espécie mais rara, como as chamas que não queimam. Cumpre notar que a resposta aos prodígios era prescrita por diferentes obras, dotadas de autoridade técnica e religiosa, na medida em que um prodígio, depois de aceito, era analisado pelos sacerdotes com base nos seus livros sagrados. Júlio Obsequente faz referência explícita aos *Livros Sibílinos (Sibyllinis)*, consultados pelos decênviros, que formavam um colégio de dez sacerdotes (e, depois de Sula, quinze) na Antiga Roma (ROSENBERGER, 2007, p. 293). Segundo a lenda, esses livros teriam sido vendidos por uma sacerdotisa, a Sibila de Cumas, ao rei Tarquínio Prisco de Roma, mas, independentemente disso, sua existência é atestada, na Cidade, desde o século V a.C., tendo eles desempenhado importante papel na religião dos romanos (BRANDÃO, 1993, p. 275-276). Ademais, os pontífices usavam os *Libri Pontificum* e os arúspices os *Libri Rituales* (ROSENBERGER, 2007, p. 293).

Os *Livros Sibílinos* são valiosos e estão presentes textualmente nas passagens 6, 13, 21, 35, 40 no *Livro dos Prodígios*. Como vemos a seguir, é a partir desse material, que informa os rituais para cada prodígio, que os decênviros se pautam para fazer os ritos de purificação.

No consulado de Ápio Cláudio e Q. Metelo [611 d. f. R. / 143 a.C.]
21. Em Amiterno, um menino nasceu com três pés. Em Caura, riachos de sangue fluíram da terra. Como os romanos tivessem sido levados à derrota pelos salassos, os decênviros declararam ter encontrado nos Livros Sibílinos que sempre, ao levarem a guerra aos gauleses, era-lhes necessário fazer sacrifícios no território inimigo (OBSEQUENTE, *Livro dos Prodígios* 21).¹⁴

¹³ No original: *Ti. Graccho M'. Iuuentio coss. [A.V.C. 591 / 163 B.C.] 14. Capuae nocte sol uisus. In agro Stellati fulgure ueruecum de grege pars exanimata. Terracinae pueri trigemini nati. Formiis duo soles interdiu uisi. Caelum arsit. Antii homo ex speculo acie orta combustus. Gabiis lacte pluit. Fulmine pleraque decussa in Palatio. In templum Victoriae cygnus inlapsus per manus capientium effugit. Priuerni puella sine manu nata. In Cephallenia tuba in caelo cantare uisa. Terra pluit. Procellosa tempestate tecta diruta stragesque agrorum facta. Crebro fulminauit. Nocte species solis Pisauri adfulsit. Caere porcus humanis manibus et pedibus natus, et pueri quadrupes et quadrumanes nati. Ad forum Aesi bouem flamma ex ipsius ore nata non laesit.*

¹⁴ No original: *Appio Claudio Q. Metello coss. [A.V.C. 611 / 143 B.C.] 21. Amiterni puer tribus pedibus natus. Caurae sanguinis riui e terra fluxerunt. Cum a Salassis illata clades esset Romanis, decemuiri pronuntiauerunt se inuenisse in Sibyllinis, quotiens bellum Gallis illaturi essent, sacrificari in eorum finibus oportere.*



4 A função social, política e religiosa dos prodígios e seus rituais de expiação

O fenômeno do prodígio, como muitos outros aspectos da religião romana, mistura motivos religiosos e políticos, estando nas mãos de uma elite responsável tanto por conduzir os rituais quanto por tomar as decisões de Roma (ORLIN, 2007, p. 60). Nesse sentido, não há necessariamente hipocrisia na forma como essas dimensões da vida pública se complementam nesse contexto (MACBAIN, 1982, p. 8). Uma vez reconhecido e aceito o prodígio (*susceptio*), cabia ao Senado decidir qual ritual realizar para expiá-lo. Essa instância do poder detinha a autonomia para aceitar, recusar, reinterpretar ou ampliar o conselho dos sacerdotes. Como os colégios dos pontífices e dos decênviros eram compostos apenas por senadores, o Senado detinha o controle final sobre a interpretação e expiação dos prodígios (ROSENBERGER, 2007, p. 293).¹⁵

Para os senadores, os prodígios e os rituais de expiação, altamente performativos, eram um meio de comunicação social. O Senado, dotado de competência secular e religiosa, funcionava como uma instância de comunicação entre o divino e o mortal. Além disso, expiar prodígios era um meio de enfrentar o desastre e fortalecer a identidade e a coesão dentro da *res publica* romana. Os prodígios não previram desastres futuros ou o fim de Roma. Pelo contrário, os romanos sempre foram capazes, de acordo com a leitura das fontes, de expiar com sucesso os sinais, deste modo, o relato dos prodígios não gerava pânico na população. Essa comunicação com o divino restringia-se apenas aos romanos, legitimando assim o domínio de Roma sobre os diversos povos (ROSENBERGER, 2007, p. 296).

5 Conclusão

O *Livro dos Prodígios* é uma fonte fundamental para a compreensão do fenômeno da adivinhação na Roma antiga, assim como um material repleto de informações sobre o

¹⁵ Ainda assim, é preciso ter em mente que, embora o Senado detivesse o poder final no processo de expiar um prodígio, seria simplista interpretar esse sistema como tendo sido controlado por senadores cínicos liderando massas estúpidas (ROSENBERGER, 2007, p. 294).



funcionamento dos rituais religiosos, da relação do povo romano com o divino e da comunicação social e política entre as regiões. A partir de alguns exemplos dessa obra observamos como se constitui a divisão entre as duas formas de adivinhação realizada por Cícero: a natural e a artificial, e vimos diversos tipos de prodígios, eventos que informam uma deturpação na *pax deorum*. Além disso, no âmbito da adivinhação artificial, constatamos o papel substancial das técnicas, ou a arte, de análise dos prodígios, como a aruspicina realizada pelos arúspices, de origem etrusca, e a augural, pelos áugures, de origem romana.

A capacidade de interpretar a vontade divina e de regular as leis na vida pública era responsabilidade dos magistrados e senadores que constituíam esses grupos e colégios de sacerdotes especializados, que faziam parte da elite romana governante. O processo de adivinhação na Roma antiga era complexo e estava entranhado na política, deste modo a influência dos responsáveis pelas práticas adivinatórias se fazia notar na tomada de decisões em vários âmbitos da vida romana, informando-nos sobre o funcionamento dessa sociedade. A expiação dos prodígios, por meio de diversos ritos, era de suma importância para o restabelecimento da *pax deorum*.

Referências

- BORNECQUE, H.; MORNET, D. **Roma e os romanos**. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: E.P.U., 2002.
- BURKERT, Walter. Signs, commands and knowledge: ancient divination between enigma and epiphany. In: JOHNSTON, Sarah Iles; STRUCK, Peter T. **Mantikê: Studies in Ancient Divination**. Leiden: Brill, 2005. p. 29-49.
- CAIRO, M. E. O lugar da adivinhação nas reflexões de Cícero sobre a religião romana: *divinatio* entre *religio* e *superstitio*. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 13, p.33-45, 2019.
- FRADE, G. H. M. Adivinhação e profecia na Grécia Antiga. **PhaoS**, Campinas, v. 18, n. 2, p.1-16, 2018.
- GRATTI, B. R. **Sobre a adivinhação, de Marco Túlio Cícero**. 2009, 239 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.



- MACBAIN, B. **Prodigy and expiation: a study in religion and politics in Republican Rome.** Bruxelles: UNIVERSA, 1982.
- MASTANDREA, P. Introdução. In: GIULIO OSSEQUENTE. **Prodigi.** Introdução e texto di Paolo Mastandrea, tradução e notas de Massimo Gusso. Milano: Arnoldo Mondadori, 2005, p. V-XXXIII.
- NOVAK, M. DA G. Adivinhação, superstição e religião no último século da República (Cícero e Lucrécio). **Clássica**, São Paulo, v. 4, p.145-161, 1991.
- ORLIN, E. Urban Religion in the Middle and Late Republic. In: RÜPKE, J. (Ed.). **A Companion to Roman Religion.** 1. ed. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2007. p. 58-70.
- ROBERT, J. N. **Rome.** Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- ROSA, C. B. De *haruspicum responso*: religião e política em Cícero. **Mirabilia: electronic journal of Antiquity and Middle Ages**, v. 0, n. 3, p. 20-42, 2003.
- ROSENBERGER, V. Republican Nobles: Controlling the *Res Publica*. In: RÜPKE, J. (Ed.). **A Companion to Roman Religion.** 1. ed. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2007, p. 292-303.
- SCHEID, J. **La religion des Romains.** Malakoff: Armand Colin, 2017.
- SCHEID, J. Sacrifices for Gods and Ancestors. In: RÜPKE, J. (Ed.). **A Companion to Roman Religion.** 1. ed. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2007, p. 263-271.
- TREVIZAM, M. Os “monstros” de Virgílio no livro I das *Geórgicas*. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Florianópolis, n. 35, p. 75-89, 2008.